



TEORIA QUEER E A PRÁTICA DOCENTE EMANCIPATÓRIA

Natália Jaillany Macêdo de Assis¹
Vanessa Karoline de Aguiar Barbosa²
Dra. Jussara Natália Moreira Bélens³

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo o gênero e a sexualidade na educação, na qual temos por objetivo refletir sobre a prática docente emancipatória através de uma perspectiva queer e discutir as temáticas inseridas no âmbito escolar. Para esse fim, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico qualitativo, utilizando como fundamentação teórica os autores Michel Foucault (1993) e Jeffrey Weeks (1995) na temática de sexualidade; Judith Butler (2020) e Guacira Lopes Louro (2019) no embasamento sobre a teoria queer; e Paulo Freire (2020) e Boaventura de Sousa Santos (1997) na construção da discussão acerca da educação emancipatória. Concluimos que se faz necessário aprofundamento dos estudos na área, de uma forma empírica, pois pouco se é discutido sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, uma vez que esse estudo carrega concepções equivocadas partindo da sociedade como um todo, e cabe às instituições, estudiosos e indivíduos o papel de desmistificar e desnaturalizar esses conceitos errôneos sobre o que significa o estudo de gênero e diversidade na escola.

Palavras-chave: Docente Emancipatório, Educação, Gênero, Sexualidade, Teoria Queer.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, levando em consideração a atual conjuntura do país, é possível notar uma série de falas e concepções equivocadas sobre a temática de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Em sua essência a Teoria Queer propõe uma abordagem de estudos que visam desconstruir, questionar e estranhar concepções, conceitos e preconceitos pré-estabelecidos a partir dos ideais de uma sociedade capitalista e opressora, classista, sexista, homofóbica e impregnada com a cis-heteronormatividade. Sendo assim, estudos como “História da Sexualidade” (1993) de Michel Foucault, “Problemas de Gênero” (2020) de Judith Butler, “O Corpo Educado” (2019) e “Um Corpo Estranho” (2020) de Guacira Lopes

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nattymacedo2@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras-Ingês da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, vanessakarolineaguiar@gmail.com;

³ Doutora em Educação, Mestre em Sociologia Rural, Graduada em Ciências Sociais, Docente da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jussarabelens@gmail.com



Louro, e “Pedagogia da Autonomia” (2020) por Paulo Freire compõem a fundamentação teórica do presente artigo, além da contribuição dos autores: Freud, Lacan, Althusser e Jacques Derrida, na contextualização histórica da teoria queer. A justificativa para escolha do tema sustenta-se na curiosidade acerca da temática geral sobre gênero e diversidade, na necessidade de uma reflexão de práticas pedagógicas que possam contribuir para um sistema educacional de qualidade, que vise emancipar e tornar o aluno autônomo, crítico e pensante sobre suas ações na sociedade e como essas ações interferem nas vidas de outras pessoas. Como objetivos, temos uma proposta de reflexão sobre a educação emancipatória através de um olhar queer, discutindo a importância das teorias e o quanto suas contribuições são valiosas para a construção de um sistema educacional progressista, inclusivo e autônomo. A contribuição da teoria queer em colaboração com uma educação libertária proposta por Paulo Freire poderia formar cidadãos emancipados, autônomos, conscientes de si como sujeitos ativos, livres de normas e padrões impostos pela sociedade, tendo a liberdade de questionar e ser quem se é.

METODOLOGIA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA TEORIA QUEER

“A Teoria Queer pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo, que ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação (Louro, 2020, p. 37)”. No início do século, Freud com suas concepções sobre o inconsciente, abalou o sujeito racional e coerente. Em seguida, temos Lacan desestabilizando toda e qualquer certeza sobre o processo de identificação, afirmando que o sujeito não é estável e coeso. Althusser vem afirmar que o sujeito é repreendido e capturado pela ideologia. Ao lado dessas teorizações temos também a contribuição de Michel Foucault, afirmando que a sexualidade foi colocada em discurso e tentando descrever como esses discursos foram construídos e seus efeitos, assim como também, os modos de poder e controle que a sociedade exerce sobre o corpo dos sujeitos. Jacques Derrida, com a operação da desconstrução, busca uma forma de indagar, analisar e tentar desconstruir as oposições binárias.

Todas essas teorizações tiveram um impacto e uma grande contribuição para os estudos sobre gênero e sexualidade, e deram início a outros estudos posteriormente de grande



importância para a formulação da teoria queer. As instituições da sociedade que exercem poder sobre o indivíduo, de forma a moldá-lo em um padrão estabelecido socialmente como natural, vão atribuir vários sentidos e concepções preconceituosas sobre os sujeitos que fogem dessa regra. Pouco a pouco, ao longo da história, vamos perceber que esses sujeitos vistos como “desviantes, pecadores, anormais e estranhos” vão conquistando seu espaço e dando voz a tantas outras vozes que foram silenciadas por todo esse tempo.

No Brasil, a partir de 1975, a discussão acerca da homossexualidade passa a ser atravessada por outras dimensões como: classe, etnia, nacionalidade, etc. O debate levava em conta sobre o que seria o foco do movimento, integração social ou a divisão, buscando uma cultura própria. Intelectuais de várias instituições começaram a demonstrar interesse pelo movimento e assim foram surgindo novas publicações e estudos sobre o tema. Dessa forma, a ideia de uma comunidade homossexual começou a ser erguida. No final dos anos 70, nós tínhamos a ideia de que “assumir-se” era um requisito fundamental para fazer parte da comunidade. O movimento ganhava mais força, ligado ao ativismo e ao movimento político, o número de pessoas que foram se assumindo e declarando fazer parte dessa comunidade foi crescendo cada vez mais.

A partir de 1980, a temática passa a ser discutida academicamente com auxílio nas teorias de Michel Foucault. No início dos anos 80, com o surgimento da AIDS, a homofobia foi intensificada e a intolerância, a discriminação e a exclusão se fizeram mais presentes ainda. Por outro lado, surgiram também redes de solidariedade e a luta contra a doença adquiriu novos discursos e formas de conscientização sobre sexo seguro.

Nos anos 60 e 70 tínhamos a articulação do movimento feminista nos Estados Unidos e do movimento LGBTQIA+, antes conhecido como movimento gay. Com a articulação dos movimentos sociais, se viu necessária a construção de uma teoria para falar sobre questões de gênero e sexualidade. Como o termo QUEER era visto como algo estranho, esquisito e fora do “normal”, era usado também como uma forma de ofensa contra as pessoas que fugiam dos padrões estabelecidos pela sociedade.

Teresa de Lauretis, teórica feminista italiana, fez uma apresentação em 1990 nomeada de Teoria Queer. A partir disso, vários pesquisadores dos Estados Unidos começaram a usar esse termo para se referir aos estudos sobre gênero e sexualidade. Esses primeiros estudos sobre a teoria queer deram origem a outras obras como **Epistemologia do Armário** de Eve Kosofsky Sedgwick e **Problemas de Gênero** de Judith Butler.



2. CONCEITOS DA TEORIA

Desde o seu surgimento no final do século XX, a teoria queer se propõe a fazer uma análise do contexto histórico acerca da construção dos papéis de gênero, identidade e sexualidade. Visando um rompimento e questionamento do paradigma do socialmente visto como padrão ou normal, a teoria vai se apoderar do termo advindo do inglês, *queer*, que era considerado uma forma pejorativa para se direcionar à pessoas homossexuais ou que fugiam do padrão heteronormativo. A expressão queer passou por um processo de ressignificação e atualmente, virou um guarda-chuva que engloba vários conceitos e denominações da sigla LGBTQIA+, mas que na sua essência, se refere a algo que foge da norma padrão cis-heteronormativo imposta pela sociedade.

No livro “O corpo educado pedagogias da sexualidade” (LOURO, 2019), organizado pela teórica queer brasileira Guacira Lopes Louro, reúne uma coletânea de artigos fundamentados dentro da teoria queer que abordam, analisam e questionam temas como sexualidade, currículo, processos pedagógicos, cultura, construção social da sexualidade, na qual conta com a contribuição de alguns teóricos renomados da teoria queer, tais como Judith Butler, Bell Hooks, Richard Parker, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman e a própria Guacira.

Em seu artigo intitulado “O corpo e a sexualidade”, Jeffrey Weeks, sociólogo e historiador inglês, especialista em sexualidade e ativista gay, contribui com conceitos acerca da teoria queer e uma análise da contextualização histórica.

O primeiro ponto a ser levantado aqui é a argumentação de Weeks baseadas nos estudos da história da sexualidade de Michel Foucault (1993), na qual revelam uma intrínseca relação entre sexualidade e luta de classes. Foucault (1993) argumenta que a sexualidade resulta de um pensamento da burguesia durante a época vitoriana, na qual se leva em consideração a influência religiosa e a imagem de uma sociedade conservadora. Assim, tentando estabelecer um padrão, atualmente entendido como o padrão heteronormativo, a sociedade vitoriana tinha como objetivo se diferenciar da imoralidade aristocrática, e da promiscuidade que eram classificadas como comportamento das “classes inferiores”. Weeks argumenta que essa visão da sociedade vitoriana era um projeto colonizador para estabelecer os “valores vitorianos”.

O segundo ponto, para uma melhor compreensão da teoria queer, são alguns conceitos chaves da teoria. Weeks argumenta que “os corpos não têm nenhum sentido intrínseco e que a



melhor maneira de compreender a sexualidade é como um ‘constructo histórico’.” (LOURO, 2019, p. 47).

Para Foucault, a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico:

“O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o de reproduzir, mas o de proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 1993, p. 103).”

Guacira Lopes Louro, teórica queer e autora de “O corpo educado pedagogias da sexualidade” elucida o conceito de sexualidade elaborado por Foucault, na qual ela explica que a sexualidade é uma construção social constituída historicamente a partir de manifestações sobre o sexo que visam controlar e regular, e em suas palavras: “instauram saberes, que produzem ‘verdades’.” (LOURO, 2019, p. 12-13). A seguir, a teórica afirma que as identidades sociais dos corpos são moldadas a partir da história e da cultura, nas quais somos sujeitos de muitas identidades. O corpo aqui é visto “como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar.” (WEEKS, 1995, p. 90-91).

Outros conceitos importantes para a teoria queer são os conceitos de sexo e gênero. Para Weeks, sexo se refere à “diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres.” (LOURO, 2019, p. 52). Ainda segundo Weeks (1995), gênero é a diferenciação *social* entre homens e mulheres.

Em suma, a teoria queer vai utilizar as construções de significados para argumentar que os conceitos de identidade de gênero e sexualidade estão intrinsecamente ligados à uma relação de poder e dominação, na qual a visão de “sexo” foi modelada através de influências religiosas com o surgimento do cristianismo, no intuito de controlar e regular a sexualidade e a reduzir a mera função de reprodução. A teoria também visa elucidar que as identidades são moldadas a partir do meio social, variando de acordo com o período histórico na qual está inserido e as influências de cada período. Assim, diante da histórica construção excludente e colonizadora em relação aos corpos dos sujeitos, problematizamos o modelo educacional estruturado na sociedade moderna e contemporânea que educa de maneira binária e excludente, reforçando a marginalização dos sujeitos que não se enquadram no padrão heteronormativo.

3. TEORIA QUEER E CURRÍCULO ESCOLAR



Pensar a educação como um meio de transformação e questionamento das regras sociais impostas pela sociedade nos leva também a pensar no currículo que temos hoje e suas implicações no cotidiano escolar. Estranhar o currículo (LOURO, 2020, p.59), é questionar o inquestionável, investigar, duvidar de tudo o que é colocado como ideal a ser seguido. Louro, aborda sobre como a teoria queer coloca em questão os binarismos do campo educacional, por exemplo, a composição entre conhecimento e ignorância, afirmando que a ignorância não é o oposto do conhecimento e sim outra forma de conhecer condicionada socialmente e culturalmente.

“Modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes. Tudo isso faz com que as questões da sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas ou erradas (LOURO, 2019, p. 108).”

É necessário provocar a curiosidade, questionando por qual motivo as coisas são como são e o que há por trás de dualismos como “certo e errado”. Por exemplo, levando em consideração que o que pode ser certo para uma pessoa pode não ser certo para outra, dependendo das suas vivências e experiências de vida. Os lugares de gêneros construídos culturalmente e socialmente que são reproduzidos nas escolas: fila de menino/fila de menina, brinquedo de menino/ brinquedo de menina, cor de menino/cor de menina, etc., e a dualidade heterossexual/ homossexual, quando temos um leque de várias outras orientações sexuais e diversas possibilidades de ser. Pensar em um currículo queer é pensar também em uma forma de desconstruir o ensino que reproduz os padrões sociais de um sujeito ideal.

Pensar queer é se negar a ser encaixado em um rótulo ou em uma caixinha, é questionar tudo que já é conhecido levando os sujeitos escolares a pensar livremente e provocar a curiosidade de forma que o conhecimento não se torne algo engessado preso em limites, mas sim, um contínuo êxtase inacabável de curiosidade por novas visões e perspectivas sobre os variados temas.

Certo que temos também muitos desafios. Professores e professoras que não se sentem preparados/as para abordar determinadas temáticas ou se sentem “ameaçados/as” em suas zonas de conforto ao serem abordados/as por perguntas e questionamentos desafiadores, por isso preferem muitas vezes evitá-las. Nós temos também algumas famílias que muitas vezes têm uma concepção preconceituosa sobre o queer, o que torna um desafio triplo para as/os professoras/es: como vencer os seus próprios receios em abordar algumas temáticas com as/os alunas/os, como abordar essas temáticas na linguagem das/os alunas/os, de forma didática e



que faça sentido para elas/es, e como lidar com um suposto enfrentamento por parte de alguns pais e algumas mães.

A teoria queer no currículo vai além de trabalhar a diversidade e a importância do respeito ao outro. Vai questionar e problematizar tudo o que é visto como certo ou errado e o que é percebido como moral ou imoral. Pensando no nosso contexto político brasileiro atual, onde o presidente eleito reforça uma ênfase muito grande no tipo de sujeito ideal para a sociedade: homem, branco, hétero, cis e de classe média, aumentando mais ainda o preconceito, a discriminação e a intolerância contra quem foge dessas normas. Dessa forma, os "sujeitos de bem e de bons costumes" são realmente sujeitos de bem e bons costumes? Ou são formas de ser que a sociedade impôs como um padrão ideal e verdadeiro para discriminar tudo o que for diferente disso? Se observarmos as entrelinhas, muitos outros questionamentos irão surgir. São esses questionamentos que precisamos instigar nas/os alunas/os, essa vontade de saber e conhecer além do que está posto.

4. REFLEXÃO: PRÁTICA DOCENTE EMANCIPATÓRIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA QUEER

A prática docente emancipatória tem como fundamentação o pensamento crítico do filósofo e pedagogo brasileiro Paulo Freire. Em sua obra “Pedagogia da Autonomia” Freire evidencia a importância de um projeto pedagógico emancipador e suas contribuições na busca utópica de uma sociedade mais solidária e justa.

Em seu ensaio mencionado anteriormente, Paulo Freire dialoga sobre a educação como um ato político, cuja importância é entendida pela autonomia e poder do educando em transformar, questionar e compreender-se como sujeito, rompendo com pensamentos pré-estabelecidos e naturalizados pela sociedade, levando em consideração que essas ideias são um conjunto de discursos das classes dominantes com o intuito de alienar e oprimir a classe dominada, fazendo com que esses discursos perdurem até os dias de hoje.

A autonomia e o poder do educando em questionar não pode ser reprimido e reduzido ao autoritarismo do docente que, em uma concepção de detentora/or do conhecimento acaba fazendo com que a curiosidade da/o aluna/o seja mascarada pelo medo de perguntar e pela negação da saída da zona de conforto por parte da/o docente. O sentido de uma docência emancipatória é fazer da reflexão uma aliada. Refletir sobre a sua própria prática cotidianamente, possibilitar a/o professora/or a compreender melhor como funciona a



dinâmica do dia a dia e buscar novas formas de proporcionar a troca de conhecimentos com as/os alunas/os e entre as/os alunas/os.

Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento (FREIRE, 2020, p. 50). Ao se perceber como um ser inacabado em conhecimento a/o docente vai ter uma nova visão sobre as/os alunas/os, também como seres inacabados e com uma diversa e extensa possibilidade de aprender, fazendo com que as indagações, questionamentos e curiosidades apresentadas sejam o pontapé inicial para uma transformação entre as/os envolvidas/os. Estar aberto a essas transformações é ser queer e revolucionário. Como professora/or crítica/o, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente (FREIRE, 2020, p. 49).

Ensinar, como diz Freire, é criar as possibilidades para a sua própria construção:

“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2020, p. 47).”

Quando compreendemos o nosso papel como docentes por uma perspectiva queer, entendemos que a troca mútua de conhecimento que acontece na sala de aula é um momento onde devemos nos permitir ir além. Ir além do que está pré-estabelecido, questionar e se permitir ser questionada/o. Quando a/o docente se enxerga como um ser inacabado e se permite questionar e muitas vezes estranhar e problematizar a sua própria trajetória, se encontra mais aberta/o à diversas possibilidades e desafios, assim como também proporciona um ambiente para que os sujeitos escolares se sintam à vontade para despertar a sua curiosidade e inquietação diante dos mais variados contextos, para que a/o aluna/o se torne um sujeito crítico e queira compreender o que há nas entrelinhas das relações sociais e como conceitos sobre o que é “verdade” ou “correto” são pré-estabelecidos pela sociedade.

“O professor que despreza a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; (...) transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2020, p.58, 59).”

Respeitar a/o aluna/o e a sua singularidade, suas especificidades, compreendendo que somos sujeitos de direitos e que as/os alunas/os vêm com toda uma bagagem de conhecimento, com suas vivências e interações com o outro, que somos diferentes e que essas



diferenças precisam ser respeitadas, são princípios fundamentais para uma educação transformadora e isso não pode ser ignorado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, as indagações e as leituras aqui realizadas desvelam o quanto a educação em seu *modus operandi*, vem contribuindo para reforçar um modelo de sociedade desigual e excludente; uma sociedade colonizada pelo olhar e pelos saberes branco, heteronormativo, patriarcalista, sexista, cristão. Que os conhecimentos colonizadores que permeiam os operadores educacionais, tais como o currículo, as propostas pedagógicas, os diferentes portadores textuais, utilizados nas práticas escolares, criam subjetividades que reforçam as desigualdades sociais, culturais, de gênero, de sexualidades, dentre outras. E, diante dessa percepção, propomos pensarmos outras vias pedagógicas, outros conhecimentos e fazeres educativos que possibilitem a emancipação dos sujeitos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e reflexões desenvolvidas durante a elaboração do presente artigo, podemos nos questionar qual o papel da escola e do/a docente em um projeto pedagógico queer. Acreditamos que, as instituições de ensino e os/as docentes, como instrumentos de troca de conhecimento, possuem o papel de desmistificar os conceitos e o estudo da teoria queer.

Nesse sentido, Paulo Freire defende uma educação transformadora em suas obras, nas quais a educação é defendida como sendo um ato político. Unir o pensamento queer na produção de uma educação emancipatória irá contribuir na formação de cidadãs/ãos emancipadas/os, autônomas/os, conscientes de si como sujeitos, livre de normas e padrões impostos pela sociedade, podendo questionar e ser quem se é.

No entanto, se faz necessário uma discussão do tema de forma mais aprofundada e empírica, tendo em mente que algumas concepções de gênero e sexualidade possuem um pré-conceito equivocado, principalmente quando se pensadas no âmbito escolar.



REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação v. 13, n. 37, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 64. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**, v.1: A vontade do saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GLAT, Rosana; NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. **Políticas Educacionais e Formação de Professores para a Educação Inclusiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Caderno do Programa de Pós Graduação em Educação Ano 10, n. 1, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- MARIANI, Fábio; CARVALHO, Ademar de Lima. **A Formação de Professores na Perspectiva da Educação Emancipadora de Paulo Freire**. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.
- ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoli [et. al.]**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. **Pedagogia Crítica e Educação Emancipatória na Escola Pública: um diálogo entre Paulo Freire e Boaventura Santos**. UNIJUÍ / IX AMPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por Uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos**. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 48, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. Direitos Humanos: **O desafio da interculturalidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Revista: Direitos Humanos, n. 2, 2009, p. 10.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities**: sexual values in an age of uncertainty. Nova York: Columbia University Press, 1995.